

6ª EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE CRIANÇAS
MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO

A educação tal como a praticamos nas escolas tradicionais, de acôrdo com o "modelo oficial", é uma espécie de sapato chinês: não deixa o pé, isto é, a personalidade, crescer livremente. Nesse tipo de educação - em que sucessivamente passamos de vítimas a algozes - à medida que a criança progride vão morrendo nelas as mais puras e espontâneas virtudes criadoras.

Do ponto de vista particular da arte (da produção da arte e do consumo da arte) êsses métodos educativos se traduzem num paradoxal processo de "deformação integral da personalidade". Tais métodos longe de corrigi-lo concorrem para o embotamento da visualidade, ao longo da adolescência. Essa infelicidade se completa reduzindo o adulto ao que se poderia designar como "analfabeto", em matéria de linguagem plástica. "Analfabetos da visão" seriam todos os que não aprenderam a ver na medida em que aprenderam a ler. Os equívocos que resultam dessa situação são fáceis de verificar; podem ser avaliados por vários índices, entre os quais avulta a tenaz persistência de numerosos preconceitos estéticos, responsáveis pela sobrevida de que gozam algumas tradições acadêmicas francamente mumificadas.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro se inclui entre as instituições que já abriram uma frente de combate pela transformação dêsse estado de coisas. Os cursos de Pintura de Crianças que, desde 1952, Ivan Serpa vem dando no Museu, se inspiram nas idéias correntes nos últimos cinquenta nos, de estimular na criança a plena liberação da atividade criadora. Para longe os constrangimentos preconceituosos. O que se afirma nos cursos de Ivan Serpa é que nos trabalhos dêstes jovens, pela alta dose que possuem de poder criador espontâneo, está garantida uma certa qualidade artística. Em relação às condições de livre criação a verdadeira tarefa dos adultos consiste em abster-se de intervir para não perturbar um processo natural.

Assim como em relação à obra de um artista adulto o que nos cumpre é cuidar de reconhecer a existência das normas específicas do seu estilo, para respeitá-las, também, nes

tes cursos, não se pede, senão, que as crianças obedeçam a si mesmas na prática da pintura, porque se reconhece em cada uma delas uma "lei em si própria".

Decorre daí o banimento de medidas didáticas que atuem no sentido de cultivar nos garotos uma perícia técnica e um virtuosismo na cópia do natural que, na verdade, são fatores deteriorantes da atividade criadora pelo estímulo que dão a truques de mera habilidade imitativa.

É contra as seduções dessa habilidade imitativa que os cursos do Museu pretendem proteger as crianças. Se arte é criação e nunca imitação, não há porque desenvolver a perícia na cópia do natural, em detrimento de uma atividade que, por si, brota livremente como um atributo da idade.

Mesmo porque no caráter livre dêsse trabalho repousa uma das possibilidades de não declinar com o tempo o poder criador da criança. Ou, pelo menos é legítimo admitir-se que, pelo fato de ter a criança algum dia pesquisado, por si mesma, os meios de expressão plástica, sua visão de adulto terá sofrido menor embotamento em relação aos problemas da linguagem plástica. O ato da visualidade terá assim permanecido sob a forma de uma experiência vivida integralmente, isto é, sem intervenção ou imposição à índole de cada indivíduo.

A doutrina pedagógica destes cursos é rica de humildade. Sua virtude primeira está na abstenção: não agradir o aluno com determinado ensinamento ostensivo de arte. Na generalidade um mal compreendido ensino não passaria de uma violação de dotes poéticos espontâneos; e nesse terreno o aluno já é, por si mesmo, na maioria dos casos, mais rico do que o professor.

Uma exposição de obras do gênero destas que nos propõe agora o Museu de Arte Moderna, em si mesma não corre risco algum. Pode sempre, no entanto, ser mal interpretada. Por isso convém sempre repetir que ninguém pensa que os autores destes trabalhos sejam artistas desde já. Nem mesmo convém estar vaticinando no meio deles algum futuro pintor. Nada de olhar esta exposição projetando nela as nossas convencionais classificações, forjadas nos quadros mentais do adulto.

Basta considerar uma verdade inicial bem mais simples. Os autores destes trabalhos não são artistas com os requisi-

tos que essa condição importa no mundo dos adultos: são melhor que artistas, são garotos, seres para quem a atividade criadora ocorre em dimensões espirituais muito diversas das nossas - sobretudo se não forem vitimados pela intervenção da tristonha sabedoria da gente grande.

Rio, Dezembro de 1957.

CARLOS FLEXA RIBEIRO

instituto de arte contemporânea

EXPOSITORES:

Maria Inês Bolonha	4 anos
Carel de Rooy	5 anos
Luiz Paulo Bolonha	5 anos
Beatriz Roseblatt	5 anos
Gustavo Fortes	5 anos
Guilherme Costa Schwab	5 anos
Leila Figueira de Lima	6 anos
Silvia Rath Fingerl	6 anos
Ives Henrique Serpa	6 anos
Ana Maria Fortes	6 anos
Francisco José Bolonha	6 anos
Celia Landman	6 anos
Maria Dagmar de Gregorie	6 anos
Roberto Costa Schwab	7 anos
Pedro Nery C. Pinto	7 anos
Carlos Sergio Pinto	7 anos
Elizabeth Martins	7 anos
Cecy Mendes Gonçalves	8 anos
Monica Kahn	8 anos
Eduardo Costa Schwab	8 anos
Luiz C. de Berrêdo	8 anos
Alice Scheinkman	8 anos
Julio Scharfstein	8 anos
Wilma Sandra Tórok	8 anos
Maria Cecília Cruz	8 anos
Doris Corrêa Paes	8 anos
Silene Meilman	8 anos
Roberto Sushereba	8 anos
Manuel Frota Souza	8 anos
Maria Inês Mendes Gonçalves	9 anos
Paulo Monteiro Maurício	9 anos
Ivan Nery C. Pinto	9 anos
José Scheinkman	9 anos
Ana Maria Ribeiro	9 anos
Maria Alice Moniz Gomide	9 anos
Martha Chaves Peixoto	9 anos
Joyce Landman	9 anos
Sérgio Nery Costa Pinto	10 anos
Maria Tereza Almeida	10 anos
Maria Cecília Berrêdo	10 anos
José Augusto Nunes	11 anos
Ana Luiza Berrêdo	12 anos